
Um pesquisador chamado curador

*Daniela Labra**

RESUMO: O texto tem linguagem próxima ao depoimento. Aborda questões referentes à atuação do curador, sua formação, relação com o sistema contemporâneo da arte e outros aspectos práticos e conceituais, especialmente tratando-se de Brasil. O curador é compreendido como um autor-pesquisador, que abraça espectros de ação amplos e desafiadores, para explorar o campo da arte contemporânea por diferentes prismas interdisciplinares. Sua autoralidade resulta de objetos de investigação continuados, que tornados práticas expositivas delineiam um perfil de ação e discurso curatorial.

PALAVRAS-CHAVE: curadoria, pesquisa, contemporaneidade

ABSTRACT: This text addresses issues related to the curator's role, their training, relationship with the contemporary art system and other practical and conceptual aspects, especially in the case of Brazil. The curator is understood as an author-researcher who's action spectra is as wide as challenging each different project. Is a professional committed to explore the field of contemporary art from different perspectives, with all its interdisciplinarity. His authorship can be understood as the ongoing research object that draws the curatorial discourse behind the exhibition.

KEYWORDS: curatorship, research, contemporaneity

*Daniela Labra é curadora e crítica de arte independente, doutora em História e Crítica da Arte pelo PPGAV/EBA/UFRJ, com pós-doutorado em Comunicação e Estéticas pela ECO/UFRJ. Professora da EAV Parque Lage, Rio de Janeiro..

Ainda que sem um olhar sensível sobre o objeto artístico seja impossível construir um bom projeto curatorial, capaz de articular um discurso crítico e poético coerente acerca de questões do mundo e da natureza da arte, não vejo o trabalho do curador análogo ao de artista. Percebo esse profissional como um ator do sistema cultural contemporâneo, responsável por organizar propostas de artistas em tramas que geram discussões, reflexões e narrativas, transfiguradas em situações expositivas temáticas, que funcionam socialmente como dispositivos culturais. Exposições, com suas atividades paralelas e colaterais, podem ser compreendidas como composições estético-críticas com potencial para despertar e instigar olhares sensíveis. O curador, seja ele funcionário de uma instituição ou autônomo, é, grosso modo, um propositor-mediador que desenvolve seus projetos de arte no diálogo entre artista, instituição e a sociedade, atento à comunicabilidade de sua proposta com o público receptor.

Desde um ponto de vista mais prático, para desenvolver sua *expertise*, esse profissional deve ter boa escrita, ser observador do mundo, ter densidade intelectual, conhecimentos gerais amplos, senso espacial, gostar de viajar, falar idiomas, saber coordenar e trabalhar em equipe, ter noções de produtor e, às vezes, tino de psicólogo. O curador pode ser responsável pelo perfil de programação de uma instituição e trabalhar para ela, ou ser independente, atuando no museu, em espaços autogeridos, galerias, centros culturais corporativos, feiras e outros. O curador pode ser um especialista em determinadas questões históricas e movimentos de arte do passado, atuar com mais ênfase na produção do agora, ou ambos. Em seu exercício, ele ainda precisa negociar com várias instâncias do poder, sejam elas públicas ou privadas.

Ao ter que lidar com projetos financiados por bancos, corporações, fundos de investimentos e outros símbolos do alto capitalismo, esse profissional, que para muitos é a imagem de uma vida de sofisticação e glamour, foi bastante acusado, nos anos 2000, de ser um agente vendido, cooptado pelo neoliberalismo, que especula e lucra negociando arte. Embora essa visão seja caricatural, de fato o curador está tão dentro do mecanismo de objetificação e mercadorização da arte e das sensibilidades, como qualquer outro ator do sistema das artes. No entanto, como o artista, ele tem a possibilidade de ampliar seu espectro de atuação e desenvolver projetos de alcance público, capazes de tocar pessoas de diferentes procedências socioculturais, intervindo nos debates do real, da sociedade, por meio de pesquisas estéticas de todo tipo.

Me parece impossível trabalhar hoje com arte e teorias contemporâneas, como curador, sem se posicionar politicamente no mundo, ainda que não se deseje exercer algum ativismo propriamente dito. Com relação a esse posicionamento, não me refiro em exercer um desacreditado partidarismo ou defender alguma empoeirada ideologia, mas ao exercício de uma presença e agir políticos: o curador precisa se perceber como um agente em prol da disseminação de posicionamentos e fricções críticos que encontram eco em propostas artísticas visuais menos interessadas na espetacularização e mais em experiências estéticas que colaborem na formação de um espírito crítico. Por outro lado, a onda de *selfies* que assola os espaços de arte demonstra que a fruição da arte, lenta e silenciosa, está em baixa, e entristece ver como o público desse nosso segmento é reduzido, acompanhando a frágil noção popular de que tudo aquilo que se refere às artes plásticas ou visuais ainda é pura diversão de elites. Não acredito que a arte contemporânea necessite de alguma “bula” para ser apreendida. A arte de hoje, com sua profusão de linguagens e experimentos, traz mil possibilidades de leitura e apreensão de seus signos, estando, portanto, ao alcance de qualquer ser humano sem, contudo, ser “universal”.

Creio que o curador é um autor crítico, analista de diversos aspectos da arte, da história, do mundo, que desenvolve propostas apoiadas nas investigações poéticas e estéticas de artistas, sejam estes vivos ou já falecidos. Fazer uma exposição é criar um texto, tecer uma trama narrativa sutil, a partir das obras. Ao lidar com artistas em atividade, cabe ao curador ser um interlocutor-propositor que apresenta temas e ideias instigantes à investigação do artista, ao mesmo tempo que estuda e sugere desenhos de exposição do projeto; no caso de autores mortos, a curadoria precisa lidar com sua memória e legado, e convém apresentar novas abordagens sobre a obra, menos cristalizadas em uma biografia histórica oficial, caso exista.

Compreendo ser fundamental pesquisa e embasamento conceitual para se articular um projeto curatorial de peso. No Brasil, projetos que possuem financiamento para a pesquisa preliminar de uma exposição, contudo, são difíceis, especialmente quando não se está vinculado a uma instituição. O sistema de editais, que cresceu no país nos últimos 10 anos, embora muito importante em diversos aspectos, em especial para o incentivo do profissional independente, estimula a elaboração de curadorias às pressas, que cumprem primeiro requisitos burocráticos e de marketing, antes de méritos conceituais e curriculares. Assim, vez por outra vemos a realização de propostas curatoriais medíocres, que reúnem artistas em um mesmo projeto

sob argumentos fajutos, e que, por oferecer certo gigantismo espetacular, funcionam para exaltar a marca de patrocinadores, mas não para gerar conteúdo historiográfico, artístico ou mesmo teórico, isto é: não deixam marcas para o futuro. Acredito menos nesse tipo de curador, dedicado a uma espécie de produção de eventos, do que naquele que se posiciona como um pensador e pesquisador de determinado objeto a fundo, que demonstra ser conhecedor da matéria com a qual lida (a arte) e do assunto sobre o qual deseja discutir por meio das obras e propostas artísticas selecionadas numa justificativa consistente.

Como sempre estive próxima da academia, consegui aliar em minha trajetória dois momentos acadêmicos cujas investigações formaram marcos teóricos para duas curadorias. A primeira foi "O Artista-Personagem", exposição que pensava performance arte e auto-representação em suportes como fotografia e vídeo, ocorrida no Centro Universitário Mariantonia/USP em 2005, oriunda da dissertação de mestrado homônima, defendida na Unicamp. Já a segunda, trata-se do projeto que venho trabalhando desde agosto de 2014, com bolsa CNPq, no pós-doutorado junto à ECO/UFRJ. A pesquisa se intitula "Depois do Futuro: ruínas e reinvenções da modernidade nas artes contemporâneas" e tem um desdobramento na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, para onde desenvolvi uma proposta expositiva e um curso teórico a partir dos estudos realizados durante essa pós-graduação. Neste caso, a curadoria põe em prática ideias e discussões suscitadas por teóricos diversos, de Milton Santos a David Harvey e Timothy Morton, que fazem refletir sobre a noção de futuro na atualidade. Assim, a exposição, adiada de novembro de 2015 para janeiro de 2016, devido à crise sem precedentes nos cofres do Estado do Rio de Janeiro, foi gestada em um processo longo, que envolveu também a realização de um seminário sobre o tema da pesquisa, em um auditório do MAR - Museu de Arte do Rio. Um dos objetivos da própria investigação acadêmica era criar uma articulação entre a universidade, a escola livre e o centro cultural, como espaços complementares para o ensino da arte e suas teorias, alvo que foi plenamente alcançado.

Por ser quase impossível um curador atuante no Brasil viver de projetos que privilegiem a etapa prévia de pesquisa, este termina também desenvolvendo atividades diversas, tais como ser professor da escola livre ou da universidade, articulista em periódicos, ensaísta crítico sob encomenda, *adviser* de coleções privadas e galerias, programador de museus e centros culturais, júri de editais e outros. Frente a nossa eterna instabilidade institucional, diversificar os campos de atuação torna-se, portanto, recurso de sobrevivência ao curador de arte. Por esse

Lia Chaia
Madrugada (chevette), 2002
Performance e registro fotográfico
62,5 x 88cm
Registro: Douglas Garcia
Trabalho incluído no projeto O Artista-Personagem



Franz Manata e Saulo Laudares
Bandeira, 1998
Serigrafia sobre tecido
102 x 104cm
Registro: Wilton Montenegro
Trabalho incluído no projeto Depois do Futuro



motivo, não acredito que um curso de curadoria possa de fato preparar alguém para um meio profissional cheio de zonas cinzentas, onde o sucesso do aspirante depende de uma verba incerta ou de um mercado agressivo para o qual é mais importante ler a *Artforum* e visitar as festas de *Art* Basel Miami do que conhecer a obra de Mário Pedrosa ou a proposta curatorial da última Documenta de Kassel. Apesar do curador poder atuar em distintos campos, a realidade é que são poucos os lugares onde há um “emprego” para ele. Me parece que tais cursos fazem mais sentido na Europa e nos Estados Unidos, onde há um circuito institucional e comercial consolidado, que absorve a mão de obra do jovem curador, posto em contato com diferentes networkings internacionais ainda na escola.

Por outro lado, um bom curso talvez possa dar a oportunidade de fazer assistência de alguém mais experiente, dentro de uma instituição. Há 13 anos, não havia vagas para aprendizes de curadores nos nossos combalidos museus e ser curador independente era uma questão de querer fazer, errando, mas conseguindo resultados surpreendentes também. Meu primeiro contato com a profissão, por exemplo, aconteceu na Espanha, em 2000, num momento em que São Paulo estava bem melhor que o Rio. O curador independente, por ser autônomo, e por vezes trabalhar como um prestador de serviços, não deve ser confundido com um organizador de eventos. Estimular pensamento crítico é da sua ordem, e para tanto impescinde cultivar objetos de estudos claros, que delinearão a sua trajetória, em termos conceituais e de ação. Compreendido como um pesquisador que fundamenta teoria e prática numa cena chamada exposição, o curador abraça espectros de ação tão amplos quanto desafiadores a cada projeto, para explorar o campo da arte contemporânea desde diferentes prismas, com toda a sua possibilidade interdisciplinar, seja dentro ou fora da academia, no cubo branco ou no barulho das ruas.